

MAUX EN MOTS

Traitements littéraires de la maladie

Maria de Jesus Cabral

Maria João Reynaud

Maria de Fátima Outeirinho

José Domingues de Almeida (Orgs.)

Universidade do Porto. Faculdade de Letras

2015

Titre: *Maux en mots. Traitements littéraires de la maladie*

Organisateurs:

Maria de Jesus Cabral

Maria João Reynaud

Maria de Fátima Outeirinho

José Domingues de Almeida

Éditeur: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Lieu: Porto

Année: 2015

ISBN: 978-989-8648-46-4

Édition en ligne

URL: <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1458&sum=sim>

© des auteurs des textes

Couverture : *Mare calma* Alexandru Rădvan

MÉDICO E DOENÇAS NA LITERATURA FRANCESA (SÉCULO XII)

MARGARIDA REFFÓIOS

Universidade Nova de Lisboa /Cel – UE

mepreffoios@fesh-unl.pt

Resumo: Tentaremos avaliar a presença do médico e a importância de que este se reveste. Faremos, assim, uma viagem pela História da Medicina, demonstrando como esta ciência se dilui tão harmoniosamente na literatura. Recorreremos a alguns exemplos da literatura francesa do século XII para ilustrar alguns destes traços comuns a uma cultura que promove, ainda no contexto atual, a multidisciplinaridade entre as diferentes artes – tão comum já no século XII.

Palavras-chave: medicina – literatura francesa – século XII.

Abstract: We will try to assess the presence of the doctor and his place in the medieval culture. Thus, we will travel through the History of Medicine, demonstrating how this science is diluted so harmoniously in the literature. We will give a few examples of French literature from the twelfth century to illustrate the common culture that promotes, even in the current context, the multidisciplinary arts among different traits - so common already in the twelfth century.

Keywords: medicine – French literature – XII century.

O século XII - século do renascimento filosófico – vê nascer o «romanz» que surge como forma de dar espaço a uma cultura de tradição oral que recolhe temas míticos ou lendários e que aparece como complemento da cultura dita oficial alicerçada no conhecimento dos textos sagrados e dos autores latinos. Assim, a escrita em língua vulgar leva à criação de uma língua literária que está ao nível do latim e que apresenta temas inovadores de acordo com o novo ideal de sociedade. Assim, o termo «romance» é uma invenção estritamente medieval que espelha o novo ideal cortês. Segundo Erich Auerbach (1968: 149), o objetivo central dos romances é o de representar os costumes e os ideais da cavalaria feudal. Por diversas vezes, a narração abandona o cenário longínquo dos contos de fadas para introduzir quadros muito concretos dos hábitos da época. Assim, na nossa opinião, o romance medieval aparece em primeiro plano para dar testemunho da época, nos quais indícios de um imaginário médico são abundantes. Produto de uma «consciência particular», a obra literária abre um espaço para a divulgação de outras ciências de uma cultura comum.

Durante a segunda metade do século XII, grande parte do saber médico é adquirido através de traduções árabo-latinas realizadas na Escola de Salerno, das obras de Constantino, o Africano, e através das traduções vindas da Península Ibérica. As duas regiões que determinam a transmissão árabe são o Sul de Itália, com Constantino, o Africano (c. 1010-1087) e a cidade de Toledo, em Castela, onde se deu, em meados do século XII, a convergência das três culturas medievais: a católica, a judia e a árabe. As trocas culturais e científicas entre o Oriente árabe e o Ocidente cristão tiveram, na realidade, lugar nas regiões que conheceram sucessivamente uma ocupação muçulmana duradoura e uma reconquista cristã. Assim se explica que tenham sido a Sicília, o Sul da Itália e a Península Ibérica os lugares de receção de toda uma cultura antiga transmitida através de traduções de obras filosóficas e científicas de árabe e latim.

É desta forma que o Ocidente tem acesso à herança antiga, enriquecendo-se com métodos novos que dariam abertura a um desenvolvimento intelectual decisivo. Foi, de facto, no campo da medicina que o Ocidente ganhou em primeiro lugar um *corpus* significativo de textos vindos do árabe. No século X já havia algumas influências no domínio da astronomia e da matemática, mas é o projeto de Constantino, no século XI, que representa o grande marco. De qualquer forma, estas traduções do século XI revelaram-se de uma importância fulcral para o Ocidente porque permitiram lançar as

bases de uma verdadeira ciência, em língua latina. É também de notar que toda a medicina árabe começa por traduzir textos gregos e assimilar textos de diferentes culturas. Só depois do século IX é que se desenvolve uma ciência árabe propriamente dita com a imposição dos enciclopedistas árabes. O apogeu da civilização árabe é o século X e os três nomes de referência obrigatória são Al-Razi, Al-Magusi e Ibn Sina. O primeiro, que se comporta como um filósofo, é batizado pela cultura europeia com o nome de Razes (850-926). Era visto como o Galeno (130-200) dos árabes. O segundo, cujo nome significa mago, deixou um único livro, *O Livro Real* ou *O Livro completo sobre a arte médica*. O último viu o nome latinizado para Avicena (980-1037), viveu na Pérsia, no século X, e era considerado um génio, pois era extremamente prolífico – diz-se que escrevia cerca de cinquenta páginas por dia. O seu *Cânone*, onde propõe uma nova codificação do saber médico greco-árabe, foi a base de estudo da medicina na Europa até ao século XVII e na Índia até ao século XX. Os textos que vieram da cultura árabe ajudaram a constituir a medicina ocidental em dois momentos decisivos da história intelectual da Idade Média latina: quando a arte médica despertou no século XII e durante a fundação das universidades no século XII.

Também não podemos esquecer que a medicina se inspirou nos trabalhos da via italiana e espanhola. Em Roma, durante muito tempo, o exercício da medicina estava a cargo de escravos que, antes de serem capturados, eram médicos. Os homens livres, na sua maioria gregos, vinham para Roma exercer definitivamente ou temporariamente. É o caso de Galeno (130-200), no século II. A via espanhola tem como representantes Averróis (1126-1198), nascido em Córdova e Gerardo de Cremona (1114-1187) que teve por missão traduzir, na segunda metade do século XII, uma grande quantidade de textos de medicina (e outros). O facto de ter tido contacto com várias áreas do saber faz deste autor um pensador único na Idade Média. Contudo, os frutos do seu trabalho, cujo espírito é puramente enciclopédico, só se farão sentir no século XIII.

No século XII, a medicina remetia para um discurso cosmogónico mais alargado e surgia ligado ao conhecimento dos movimentos e das influências celestes. Escreve Gregory Tullio (1975: 202):

L'importance des écrits de la médecine grecque et arabe qui se propageaient alors en Europe – après les premières traductions de Constantin l'Africain au XIème siècle,

jusqu'à la version du Canon d'Avicenne en plein XIIème – n'est pas toujours pleinement évaluée, car les œuvres de médecine supposaient, et souvent développaient directement dans leur partie théorique, une conception générale du cosmos dont l'homme microcosme reflète la structure: de la doctrine de la composition élémentaire des corps, nécessaire pour une connaissance plus précise de leur complexio et de leur temperatura, à la doctrine des propriétés des différents êtres naturels pour en utiliser les capacités thérapeutiques, jusqu'à la science des rapports entre les cieux et le corps humain, fondamentale pour le diagnostic et le traitement des maladies.

No aspeto teórico, a medicina estava ligada à filosofia e a outras ciências. Ou seja, quem praticava a medicina tinha que conhecer a dialéctica e o *quadrivium*. O *Pantegni*, tradução infiel da enciclopédia médica de Ali ibn al-Abbas al-Magusi, que data dos finais do século X, incentiva o médico a ultrapassar as barreiras da sua ciência e a aceitar a influência de outras ciências. O facto de ser retomado e desenvolvido o tema do homem como microcosmo, reflexo do universo, faz com que a teoria médica se torne indissociável de outras áreas do saber e do pensamento, como a astronomia, na medida em que a procura das doenças e o estudo das variações das compleições (ou temperamentos) levam, por exemplo, a refletir sobre a abordagem do problema das influências celestes.

Nos finais do século XI e no século XII as ciências médicas seguem um novo rumo. Uma medicina dita científica impõe-se e o percurso ligado à charlatanice desaparece, dando lugar a uma ciência da modernidade de tal forma fecunda que, segundo McVaugh, os textos de cirurgia da Alta Idade Média são mais numerosos do que os da Antiguidade clássica, embora apresentem um carácter compilatório e repetitivo (1995: 243s).

Nessa nova abordagem, é clara a barreira entre a teoria e a prática nas ciências médicas. Na realidade, a teoria permite conhecer as causas da doença e a prática combater as discrasias. Este é o preceito anunciado pelo *Cânone* de Avicena que a medicina medieval põe em prática no século XII quando divide as ciências médicas em duas partes distintas. É certo que, por ser racional, a teoria confere a certeza. Mas os médicos têm consciência de que esta deve ser completada pela experiência, na medida

em que cada caso é um caso diferente. O *Isagoge Iohannitii* e o *Pantegni* também impuseram a subdivisão da medicina em duas partes, uma prática e outra teórica, divisão esta que já tinha sido introduzida na Alta Idade Média por algumas das traduções greco-latinas de inspiração alexandrina.

Por outro lado, a arte de curar, durante a Idade Média, encontra-se repartida por três grupos profissionais: os médicos, os cirurgiões e os barbeiros. Só no século XIII é que a medicina é reconhecida como uma verdadeira profissão, quando as atividades médicas passam a ser regulamentadas. Para além destes três grupos, rivais entre si, temos que considerar os representantes dos pequenos ofícios, como as parteiras ou os charlatães. Segundo Wickersheimer, a percentagem provável para estes três grupos profissionais seria de 57% para os médicos, 12,4% para os cirurgiões e 19,8% para os barbeiros que se limitam a praticar a pequena cirurgia, ou seja, tratam ampolas, abscessos e outras tarefas simples (1979: 72s). Os cirurgiões, mais familiarizados com a anatomia, intervêm para reduzir as fraturas, tratar chagas de origem diversa e procederem à extração de cálculos renais. Quanto à obstetrícia, esta especialidade também é considerada uma especialidade cirúrgica. Os partos são feitos numa sala especial aquecida, onde as parturientes dispõem de uma cama. O trabalho de parto é da responsabilidade das parteiras pois esta profissão é exercida exclusivamente por mulheres. Aliás, excetuando esta prática, a medicina é-lhes vedada pois não podem frequentar a universidade.

Contudo os dados são contraditórios. Nos documentos que referem a participação feminina na medicina da época, os que fornecem mais informações provêm do Sul de Itália. É claro que pode haver várias explicações para este fenómeno. Pode acontecer que, por serem numerosas e ser comum a prática médica por mulheres, não tenha havido a preocupação, na altura, de referir a sua contribuição em documentos oficiais. Ou então, que tenha havido um maior número de praticantes médicas em determinada região, sem que para isso haja uma explicação coerente. Os contornos são, de facto, obscuros. Por exemplo, em França há notícia de que nos finais do século XIII houve uma tentativa de controlar os barbeiros-cirurgiões em benefício dos médicos, por parte da Universidade de Paris. Neste conflito também se viram atacadas as mulheres pois, da mesma forma que não podiam exercer o direito, foi decretado que não podiam exercer a medicina. A justificação revelou ser de enorme peso pois a universidade

defendia que, ainda mais grave do que perder uma causa, era matar uma pessoa. Este argumento, contudo, era apenas válido no feminino.

Mas, na verdade há notícia de médicas que mostraram uma sensibilidade particular no que diz respeito à cura e à elaboração de remédios. Hildegarda de Bingen (1098-1179) é uma dessas mulheres, que se revelou uma pensadora notável, inovadora na abordagem médica e concentrada no estudo da natureza feminina. Salvatore de Renzi, historiador do Centro Médico de Salerno, no século XIX, pensa que tenha havido inúmeras mulheres mencionadas na literatura médica do século XI e XII, as *mulieres Salernitanae*, que praticam medicina mas também escrevem sobre tratamentos. De entre as médicas referidas, a mais conhecida é Trótula (séc. XII) que se impôs como sábia. Não se sabe se o seu nome é real ou imaginário mas compôs dois tratados de saúde feminina. Estes opúsculos, que tiveram muita aceitação, estão ligados à Escola de Salerno e não devem ser anteriores ao século XI. Um, trata as doenças próprias de mulheres, *De passionibus mulierum*, vulgarmente conhecido como *Trotula Major*, o outro dedica-se à maneira de cuidar da pele, dos cabelos, dos dentes, o *De ornatu mulierum* ou *Trotula minor*.

Também a distinção entre médico e cirurgião é institucionalizada a partir do século XIII. O médico é um letrado que procura a sua ciência nos livros e não na observação do paciente. O cirurgião é um técnico que, de acordo com o médico, faz sangrias e outras intervenções práticas. Na verdade, a profissão do médico tem a ver com as artes ditas liberais e a do cirurgião com as artes mecânicas. É neste contexto que podemos entender como funciona, a partir do século XIII, o ensino da medicina. Assiste-se, assim, a uma divisão do meio médico entre universidades e outro tipo de centro de estudos. Lentamente, as universidades adquirem o direito exclusivo à formação dos praticantes habilitados, sendo a cirurgia retirada do plano curricular. Esta exclusão terá tido provavelmente a ver com a imposição da Igreja que interditava a dissecação de cadáveres. O ensino universitário era reservado apenas aos futuros médicos, embora se tenha verificado que nem todos se formavam. Com o desenvolvimento da universidade, a medicina sábia deixa de ser monástica. De facto, o monge médico tinha por obrigação tratar as pessoas acolhidas no convento, embora se deslocasse a casa dos doentes.

Na primeira metade do século XIII, o exercício da medicina tomará um rumo diferente com a introdução, na sociedade, dos clínicos formados na universidade. No que diz respeito às obras médicas divulgadas, espelho de uma ciência médica viva, Danielle Jacquart classifica, por um lado, receitas que aparecem isoladas e por outro lado, obras catalogadas de acordo com a sua forma e tema principal. Uma das categorias é composta pelos comentários orientados para os problemas de doutrina médica e a outra pelas obras que tratam a prática. Englobam os *Regimes de Saúde* – muitas vezes escritos a pedido de um paciente, os *Consilia* que, pela exposição de diagnósticos e de prescrições terapêuticas para casos particulares, serviam de modelo aos clínicos – e as recolhas que têm, muitas vezes, o título de *Experimenta*, e referem alguns exemplos de doenças encontradas pelo médico no decorrer da sua prática. As *Experimenta* estão divididas em dois grupos.

Por um lado, incluem os tratados gerais que encaram o conjunto dos problemas médicos. É nesta categoria que se encontram as enciclopédias de saber médico e as obras de carácter escolástico e pedagógico. Por outro lado, surgem agrupados os tratados que abordam um domínio específico da medicina. A este género pode-se ainda agregar a literatura abundante consagrada à peste, a partir do século XIV. Danielle Jacquart propõe ainda uma última categoria composta pelas obras que oferecem um simples inventário de drogas, sem qualquer comentário teórico (1981: 205-208).

E na Literatura Francesa, como surgem as representações do trabalho médico? Nalguns dos textos que estudámos identificamos, por vezes, a figura do médico que trata ferimentos ou devolve a saúde a quem a perdeu por ter havido envenenamento ou mal de amor (que no romance cortês é avaliada como sendo uma doença física). «Mire» é o vocábulo que valida a presença do médico no romance cortês: do latim *medicum*, aparece pela primeira vez em 1169 nos textos de Wace. No *Conte du Graal* de Chrétien de Troyes, Gauvain é um cavaleiro-modelo da corte arturiana mas também apresenta qualidades médicas (1959: 203):

La pucele et le chevalier
Qui de mire eust grant mestier
Por les plaies que il avoit.
Et mesure Gauvains savoit
Plus que nus hom de garir plaie.

Também reflexo de um modelo divulgado ao longo de toda a história da literatura, o médico surge acompanhado por colegas, como se a duplicação ou mesmo triplicação dos recursos humanos validasse o poder da ciência. No *Roman d'Alexandre* aparecem dois colegas para prestar assistência a Malatous. Ferido em combate, este arménio é levado à presença de Alexandre e acaba por se submeter à autoridade do inimigo, oferecendo-lhe vassalagem em troca de tratamento. O Imperador manda-lhe, então, os seus médicos: «Dieus siens mires li baille, Ametis e Gassons,/ Et cil li covenencent: “Tout sain le vos rendrons”» (Paris, 1994: 156). Estamos perante uma imagem quase ingénua da figura do médico que, revestida de um simbolismo extraordinário, confere a esta erudita personagem o grau de santo milagreiro.

Não resta margem para dúvidas: os médicos prometem devolver Malatous regenerado sem o terem observado. Aqui, o poder de Alexandre parece ser superior ao poder da morte. Contudo quando Alexandre perde a saúde, não há médico nem remédio que o cure. Após uma segunda batalha contra Porus, rei da Índia, Alexandre chega a prometer uma recompensa ao médico para que trate todos os guerreiros feridos (*idem*: 422):

Et puis a dit au mire trestout a son voloir,
Se il bien les garist, donra lui grant avoir.
Li mires li respont : « Je vos afi por voir
Que il seront tout sain tel di com huiau soir.

«Fisicien» também aparece nos textos do século XII. No *Chevalier au Lion* de Chrétien de Troyes, o físico, especializado na arte da «mirgie» intervém para tratar os ferimentos de Yvain e Gauvain. É de evidenciar o empenho que o médico põe no tratamento que administra aos cavaleiros (Troyes, 1982: 197s):

Un fisicien qui savoit
De mirgie plus que nus hom
Fist mander rois Artus adom.
Et cil del garir se pena
Tant que lor plaies lor sena

Au mialz et au plus tost qu'il pot.

O médico afigura-se uma autoridade, uma entidade à parte – quase intocável – que comparece para tratar. Fortemente embebido por uma medicina teórica primitiva mítica que se alicerça na cura pelo poder das plantas ou outros métodos antigos (como a sangria), o médico que circula pela corte ou pelo campo de batalha demonstra também a que ponto a Medicina da época permanece sob o domínio de uma medicina oriental e, em particular, árabe que penetrou profundamente no pensamento médico do século XII. Deste modo, no *Roman de Thèbes*, Tideu, ferido pelos enviados de Etéocles (rei de Tebas), é curado por um médico arménio que o rei da Grécia convoca. É a nacionalidade do médico que, de resto, parece validar o serviço prestado. Tideu recupera a saúde passado um mês graças a grande dedicação do médico: «Tant y pena et seir et main.» (Mora-Lebrun, 1995: 158)

Também no *Roman de Troie* aparece esta alusão curiosa ao médico estrangeiro que vem do Oriente – o que causa algum fascínio – e que aparece como par de Galeno ou Hipócrates. É, de resto, por ser excecional que Heitor o escolhe para tratar as suas feridas, no regresso de uma batalha contra os gregos (Sainte-Maure, 1998: 248):

Li bons mires Goz li senez,
Que devers Oriant fu nez –
Ne meinz ne le priseit bon pas
Que Galien ne Ypocras –
Cil a ses plaies regardees
E afeitees e lavees.

Ainda mais curiosa é a alusão que se encontra no *Roman d'Alexandre* e que chama, nem mais nem menos, o próprio Hipócrates à resolução de problemas de saúde: «Et Saligos apele le bom mire Ypocra.» (Paris, 1994: 682).

Contudo, também encontramos relatos de médicos puramente imaginários. No *Roman de Troie*, Heitor regressa a casa, depois da oitava batalha, e é acudido por Brot des Pouilles de quem não nos foi possível encontrar menção na história da Medicina.

Contudo estamos perante um excelente cirurgião pois Heitor é cortado e não sente dor: «Tailla Hector si gentement / Que mal ne tret, dolor ne sent.» (Sainte-Maure, 1998: 310)

Mas, de modo geral, as fontes estão claramente identificadas. Tanto Montpellier como Salerno são escolas médicas de referência que os escritores não negam. Lancelot, no romance de Chrétien de Troyes que tem o mesmo nome, é tratado por um médico da escola de Montepellier (Troyes, 1983: 106):

Iluec fu uns hom anciens
Qui molt estoit boens crestiens;
El monde plus leal n'avoit,
Et de plaies garir savoit
Plus que tuit cil de Montpellier.

Também a legitimidade da Escola de Salerno não podia ser esquecida. No *Cligès* de Chrétien de Troyes vêm três físicos de Salerno que ressuscitam Fénice: «Sont venu troi fisicien / De Salerne, molt ancien» (Troyes, 1982: 175). Dos três sábios, destaca-se o mestre: «Li mestres d'ax, qui plus savoit.» (*idem*: 177). Todavia este talvez seja o episódio mais insólito que analisamos. Os médicos vão a passar, ouvem as lamúrias dos que choram Fénice e o mestre, após rápido e incisivo diagnóstico, tira as suas conclusões (*ibidem*):

Et sor le piz et sor la coste
Li met la main et sans sanz dote
Que ele a el cors l'ame tote ;
Bien le set et bien l'aparçoit.

Lembrando como a mulher de Salomão o traíra fingindo-se morta, estabelece um paralelismo e resolve quebrar a letargia em que Fénice caíra usando métodos pouco ortodoxos. Começam por aplicar umas quantas chicotadas, depois deitam chumbo fundido nas mãos e preparam-se para a assar e grelhar quando são surpreendidos pelas damas da corte que, horrorizadas, lançam os sábios doutores pela janela. Dois comentários pertinentes surgem. Por um lado, o médico veste a pele do cozinheiro mas

repare-se no interesse destes dois versos: «Ja la voloient el feu metre / Por rostir et por grailler» (*idem*: 180s) .

A figura de Thessala que caracteriza a imagem muito presente na literatura medieval da aia que acompanha a sua dama e que exercendo uma grande influência sobre a sua senhora, é também um ser à parte por ter acesso ao mundo do maravilhoso. Thessala apresenta um perfil de médica embora esteja mais próxima do de curandeira, o saber popular e oral estando na base desse comportamento. De qualquer forma, parece ter «mezinhas» para os males comuns e físicos e «poções» para os males de amor. Trata diabetes, gota, anginas, asma e outras infeções vulgares ao mesmo tempo que diz ser melhor que Medeia (a perita em magia). Esta associação é o espelho de uma época assombrada por feitiços e encantamentos (*idem*: 91):

Je sai bien garir d'itropique,
Si sai garir de l'arcetique,
De quinancie et de cuerpous ;
Tant sai d'orines et de pous
Que ja mar avroiz autre mire ;
Et sai, si je l'osoie dire,
D'anchantemanz et de charaies
Bien esprovees et veraies
Plus c'onques Medea n'an sot,
N'onques mes n'an vos dire mot,
Si vos ai jusque ci norrie.

Já no *Conte du Graal* de Chrétien de Troyes o médico que reduz a luxação de uma das articulações de Keu é acompanhado por duas assistentes que desempenham funções de enfermeiras (Troyes, 1959:127s):

Li envoie un mire molt sage
Et deus puceles de s'escole
Qui li raloent sa canole
Et si li ont le bras liié
Et rasoldé l'os esmiié.

O modelo sugerido pelas mulheres médicas – que a História da Medicina batizou de *mulieres Salernitanea* – também figura em alguns dos textos. Praticavam medicina e, muitas vezes, surgem como desdobramento, como duplo do médico, embora a medicina exercida por elas esteja mais próxima da medicina curativa que aflora a magia. O saber das irmãs de Guivret, no romance *Érec et Énide* é um exemplo (Troyes, 1981:157):

La demorerent a sejour
Les serors Guivret ambedeus,
Por ce que biax estoit li leus.
An une chanbre delitable,
Loing de noise, et bien essorable,
En a Guivrez Erce mené ;
A lui garir ont molt pené
Ses serors que il an pria.

Ainda neste romance, o nome da fada Morgana é associado ao campo da medicina curativa. Artur fica chocado com as feridas que Érec ostenta e oferece-lhe um unguento feito pela sua irmã: «Puis fet apporter un antret / Que Morgue sa suer avoit fet» (*idem*: 128).

Esta figura feminina lendária volta a ser citada no *Chevalier au Lion*, como sendo a autoridade máxima na arte de elaborar remédios, conseguindo fazer desaparecer qualquer tipo de dor (Troyes, 1982: 90):

Mes tost aler nos an covient,
Car d'un oignement me sovient
Que me dona Morgue la sage ;
Et si me dist que si grant rage
N'est an teste, qu'il ne l'en ost.

Poderia, ainda, referir outros nomes como o da mãe de Isolda que fabrica o filtro do amor para que esta se apaixonasse pelo seu prometido. Imagem interessante a que se cria nesta lenda de Tristão e Isolda pois verifica-se a intenção de forjar a paixão de

Isolda e do rei Marco, a união da jovem com o velho (com orelhas de burro) através de um químico.... Alquimia, magia, fármaco, o texto que, só por si, é naïf mostra como existe um fundo real que apoia o imaginário literário, embora com algumas incongruências. Por exemplo, o filtro, numa das versões, é limitado a três anos, o que não deixa de ser curioso.

No estudo que fizemos, a doença toma formas diferentes: por um lado, aparece associada a ferimentos feitos em cenários de combate no espaço exterior. É sempre porque um cavaleiro sofreu um golpe que o médico é chamado a prestar assistência. Por outro lado, também nos foi dado a observar a doença como uma consequência do espaço da corte, um espaço simbólico e interior. O envenenamento é a principal causa da morte à mesa e levanta questões relevantes. Depois, já a outro nível que não o físico, achamos importante referir uma doença que remete para o domínio da simbologia, embora tenha reflexos físicos ao nível do corpo: o mal de amor que fere o coração e cuja descrição clínica a põe ao nível de qualquer outra patologia real.

Em traços gerais são estas as doenças que marcam o percurso do herói embora tenhamos encontrado, como demonstramos mais acima, algumas referências a doenças comuns para a época. Conheciam-se doenças inofensivas como a varíola, a papeira, o sarampo, a lepra como acontece no Tristão ou doenças provocadas por alterações alimentares como o escorbuto, o raquitismo, os diabetes, a gota, e muitas outras.

Os ferimentos em combate são inúmeros. Existem exemplos que vão do desmaio à morte. Encontrámos um pormenor interessante na manutenção do código cortês no campo de batalha. Enquanto o inimigo trata os ferimentos, a batalha pára. Outro exemplo interessante está num episódio do *Érec et Énide* em que Érec e um rival, depois de combaterem, acabam amigos e, na ausência de um doutor, entre-ataram-se aplicando ligaduras um ao outro: «il se sont antre bandé» (Troyes, 1981: 102). O romance cortês utiliza uma terminologia muito naïve que acaba por ser também um espelho de toda a ingenuidade do herói que inicia o seu percurso sem sabedoria para, prestadas as provas, chegar a um grau de saber que o torna um cavaleiro de direito, como é o caso de Perceval. Também não podemos deixar de lado um dos episódios mais emblemáticos da literatura francesa medieval. No *Conto du Graal* aparece o verbo

«mehaignier» para definir a mutilação sofrida pelo rei Pescador que ficou ferido entre as pernas numa batalha. Chrétien de Troyes descreve de forma ímpar a cena (1959: 103):

Parmi les quisses ambedeus,
s'en est encor si angoisseus
qu'il ne puet sor cheval monter.

Doente físico, o rei Pescador entrega-se à dor psicológica que uma paralisia implica. Vive angustiado, amargurado, mergulhado numa tristeza profunda marcada por essa ferida que encontra abrigo nas partes viris.

Também é curioso observar a morte à mesa. No espaço interior da corte arturiana desenvolve-se um tipo de ferimento catalogado de outra forma. Já não é um espaço bélico, mas sim um espaço de lazer. Mas, num espaço aprazível, a traição apresenta-se, dando lugar à morte. No *Roman d'Alexandre*, o herói morre envenenado à mesa no dia da sua coroação. Embora seja um ser de exceção, nada o salva. Trata-se de uma morte anunciada que promove a figura do mártir que morre para salvar o seu povo. É uma morte digna de Alexandre na medida em que é sofrida. Às portas da morte e em grande sofrimento, Alexandre levanta-se cambaleando do espaço da refeição para poder morrer, nos seus aposentos, longe dos olhos indiscretos da sua corte.

Os ferimentos de amor são talvez os ferimentos mais graves. O amor aparece como uma doença que destrói todos os anticorpos de que o corpo se encontra munido. Correspondido ou não, o amor arrasa como se de uma doença física se tratasse. A doença de amor, à imagem do quadro sintomático que envolve qualquer doença, começa por provocar alterações do apetite, debilitando o equilíbrio humoral, como acontece com Dido, rainha de Cartago, que se deixa seduzir por Eneias, no *Roman d'Énéas*. O mal de amor é uma forma de loucura que provoca alterações físicas. Poderia dar dezenas de exemplos que pairam sobre toda a literatura medieval. Mas retomo o exemplo de Dido por encontrar nesta figura uma personificação do mal de amor muito forte. Dido, enlouquecida por esta paixão, é levada ao suicídio. Morre imolada pelo fogo depois de cravar no seio a espada de Eneias. Este espetáculo macabro dá conta da morte apoteótica, reflexo de uma doença da alma que nenhum remédio pode sarar.

Quanto à cura, de acordo com os textos estudados, esta faz-se, em primeiro lugar, através de um regime alimentar adequado. Como comprovam os Regimes de Saúde da época, os médicos eram defensores de uma alimentação equilibrada que pudesse manter o corpo e a mente sãos (há, aliás, muitas vezes, uma confusão entre médico e cozinheiro). Observámos três formas de cura: pelo poder do fármaco (sangrias, unguentos, etc...), pelo poder da poção (vinho, especiarias, ervas medicinais, água, limpeza do corpo, alucinogénio, etc...), pelo Graal, símbolo do poder espiritual e cuja representação mais perfeita se concretiza na figura do rei pescador – filho do rei Espiritaus – alimentando-se de uma hóstia contida no Graal. Estamos perante um caso excepcional, um milagre na medida em que a energia e a vontade de viver se associa ao poder de uma hóstia que revoga toda e qualquer teoria médica.

Em suma, o perfil do médico desenhado nos romances analisados dá conta de uma entidade credível fortemente influenciada pela medicina oriental e que é chamada a intervir quando a situação clínica de determinada personagem assim o pede. O médico, figura real, é imposto num imaginário criado em torno de um universo literário, tendo apenas uma intervenção pontual e fazendo a ponte entre dois mundos distintos: o da ficção e o da realidade. E é precisamente nessa harmonia que se forja o cruzamento entre Saberes e Artes que tanto fascina o investigador do século XXI.

Referências bibliográficas

- AUERBACH, Erich (1968). « Les aventures du chevalier courtois ». *Mimésis. La représentation de la réalité dans la littérature occidentale*. Paris: Gallimard.
- GREGORY, Tullio (1975). « La nouvelle idée de nature et de savoir scientifique au XIIème siècle ». *The Cultural Context of Medieval Learning*. Dordrecht: Holland.
- JACQUART, Danielle (1981). *Le milieu médical en France du XIIème au XVème siècles*. Genève: Librairie Droz.
- MCVAUGH, Michael (1995). « Stratégies thérapeutiques: la chirurgie ». *Histoire de la pensée médicale en Occident*. Paris: Éditions du Seuil.
- MORA-LEBRUN, Francine (ed). (1995). *Le Roman de Thèbes*. Paris: Le Livre de Poche.
- PARIS, Alexandre de (1994). *Le Roman d'Alexandre*. Paris: Le Livre de Poche.

- SAINTE-MAURE, Benoît de (1998). *Le Roman de Troie*. Paris : Le Livre de Poche.
- TROYES, Chrétien de (1959). *Le Roman de Perceval ou Le Conte du Graal*. Genève: Librairie Droz.
- TROYES, Chrétien de (1981). *Érec et Énide*. Paris: Librairie Honoré Champion.
- TROYES, Chrétien de (1982). *Le chevalier au Lion (Yvain)*. Paris: Librairie Honoré Champion.
- TROYES, Chrétien de (1982). *Cligès*. Paris: Librairie Honoré Champion.
- TROYES, Chrétien de (1983). *Le chevalier de la Charrette*. Paris: Librairie Honoré Champion.
- WICKERSHEIMER, E. (1979). *Dictionnaire biographique des médecins en France au Moyen Âge*. Genève.